

Simbologias do Boi em Saringangá¹

Moacir Francisco de Sant' Ana Barros²;
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

Saringangá (Marcio Moreira, 2001) é um curta-metragem produzido em Mato Grosso que apresenta a cultura popular da Festa do Boi-à-Serra. Por meio da análise fílmica apresentamos como o filme aborda, simbolicamente, mitos e credências do homem pantaneiro na região de Mimoso, em Santo Antonio de Leverger. Inspirado na obra do artista plástico Humberto Espíndola, o filme explora uma dimensão ficcional e onírica de encantamento e sedução, durante o Carnaval, no qual besta fera/animal dócil embriaga e seduz como nos rituais a Baco. Assim, *Saringangá* reelabora a figura mítica do boi como fruto da memória coletiva do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema mato-grossense; Tradição; Saringangá; Boi-à-Serra;

CORPO DO TEXTO

Um dos filmes resultantes do pioneirismo de uma nova geração de realizadores das décadas de 1990/2000, em Mato Grosso, foi o curta metragem *Saringangá* (2001), de Marcio Moreira. Por meio da análise fílmica, com referências em Francis Vanoye e Anne Goliot-Létté (2008) e Jacques Aumont (2004), buscamos situar o olhar do realizador em relação à região na qual o filme se insere. O estudo tem aporte teórico em pesquisas sobre a cultura popular do Boi-à-Serra (TEIXEIRA,2016) e na obra, *Bovinocultura* (FIGUEIREDO, 1990), do artista plástico sul-mato-grossense, Humberto Espíndola.

Assim, interessou-nos observar como são apresentados traços da cultura popular mato-grossense? De que modo se coloca em cena personagens? Em que medida a narrativa dialoga com outras áreas do conhecimento e da cultura regional, como música e artes plásticas? Como o urbano e o rural, a tradição e a modernidade se entrelaçam na estória enquanto ficção cinematográfica?

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Professor do Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, email: moafranbar@gmail.com

Saringangá narra as credices do homem pantaneiro e suas tradições. A figura do boi é central no imaginário das personagens diante de um cenário rural e do cotidiano do homem pantaneiro, na região de Mimoso, em Santo Antônio de Leverger. Nesse lugarejo acontece a Festa do Boi-à-Serra, durante o Carnaval. Nos embalos das danças e dos cantos uma mulher é enfeitada pelo animal que no filme traz referências do imaginário popular sobre o Boto, Boitatá e na figura do Minotauro. Este último, parte da mitologia grega, aparece como ser antropomórfico, monstro homem-touro, numa espécie de imagem onírica relacionada aos desejos sexuais da mulher sob os encantos do boi.

A figura do boi é carregada de simbolismos que constituem a linguagem mítica da festa do Boi-à-Serra (TEIXEIRA, 2016). No filme, a musicalidade expressa nas danças e cantos traz os elementos míticos em cena. O corpo feminino é envolvido pelos encantos dessas figuras míticas ao som dos batuques do mocho, instrumento de madeira em forma de tambor coberto de couro cru.

As tomadas iniciais do filme são registros do cotidiano do lugar. São imagens com um teor documental que descrevem as atividades dos moradores nas quais a figura bovina se destaca: na moagem da cana para fabricação de aguardente, açúcar e rapadura e na pecuária extensiva. Essas imagens inserem o espectador nesse mundo real e, ao mesmo tempo, místico de um pedacinho do pantanal mato-grossense.

Como ficção, é durante a Festa do Boi-à-Serra que se acentua a presença do imaginário popular na narrativa. A estória apresenta ao espectador três personagens femininas antes de centrar-se na festa. A jovem mulher, interpretada pela atriz cuiabana Mara Ferraz, é a personagem principal. Ela não ouve o conselho da avó, papel da atriz cuiabana Regina Lobo, que diz para a jovem tomar cuidado com as tentações durante os festejos. É por meio da mulher jovem que o espectador acompanha o cortejo do Boi-à-Serra pelas estradas do lugarejo. É, então, que surge a figura feminina misteriosa, de cabelos vermelhos, personagem da atriz e cantora mato-grossense, Vera Capilé. Ela corta um coração de boi sobre uma mesa. Ao redor dela várias outras moças/adolescentes sentadas como se aguardando para saborear aquela iguaria. Essa personagem parece funcionar como ligação entre o “mundo realista” da ficção e um “mundo fantasioso”, das lendas, que vão se mesclando na estória até chegarmos a uma dimensão onírica no final do filme, na qual veremos a jovem ceder aos encantos da besta/fera. A cena com Vera Capilé começa com a câmera destacando um quadro do artista plástico sul-mato-

grossense, Humberto Espíndola, da série Bovinocultura, que adorna a parede da casa. Esse tema está presente na obra do artista desde 1967. A cena tem a intenção de fazer uma fusão entre a cultura popular de Mimoso com as artes plásticas de Espíndola, segundo depoimento do próprio realizador, Márcio Moreira, ao projeto Cine Comentário Sonoro realizado pelo pesquisador mato-grossense Diego Baraldi de Lima, durante a pandemia do Covid-19. Moreira afirma ainda que a personagem da mulher misteriosa – uma espécie de feiticeira do lugarejo – tem na narrativa o poder de fazer uma “simpatia”, um encanto, a partir do coração do boi, para que aquelas jovens encontrem “o tão sonhado amor” (LIMA, 2020), uma paixão.

Como nos lembra Aline Figueiredo (1990) figuras animais são frequentes nas artes plásticas figurativas mato-grossense, o que a autora chama de “presença animalista”. Uma arte que remete a estórias sobre bichos que os antigos contavam aos que cresceram nas áreas rurais. Para a autora trata-se de um rico arquivo de memórias que “povoam o espaço físico e imaginário” daqueles que cresceram no mato. Animais que ajudam na lida diária dos serviços no campo e que nos servem como alimento. E, ao cair da noite, embalam nossos sonhos. Presença doméstica e, ao mesmo tempo, selvagem. Para Figueiredo, “com os animais a arte encontra os segredos das simbologias”. Para a autora, a obra do artista plástico campo-grandense Humberto Espíndola³ está entre as precursoras “do comentário social e filosófico do animal” cujas imagens alcançam um “diálogo mítico e místico” na sua arte.

A ela emprestam as correlações do poder e da fartura, enquanto denunciam as iniquidades entre as relações homem-natureza. Os sentimentos atávicos das espécies zoológica, a generosidade e a ternura infiltram nesta plástica a seiva agressiva da vitalidade. E nisso, o artista de Mato Grosso é bicho. Sim, “bicho”, a palavra também situa aquele que sabe, o sabedor. Pessoa de grande valor ou habilidade. (FIGUEIREDO, 1990, p.56)

E ao falar sobre a tradição do Boi-à-Serra o filme traz como referências as pinturas de Espíndola. Elas ajudam a interpretar as simbologias do boi no filme. Dois aspectos se destacam: a sedução e o feitiço. Aos poucos vamos sendo mergulhados nesse mundo mágico da figura do boi. A personagem de Mara Ferraz vai conduzindo o espectador para os mistérios que o filme apresenta embalados pelo som da viola-de-cocho, das palmas, dos gritos dos dançarinos e do instrumento ganzá.

³ Aline Figueiredo cita também como precursor dessa arte “animalista” o artista João Sebastião.

Ao cair da noite, a cantoria em volta da igreja de Mimoso torna-se mais intensa na trilha sonora do filme. “Nandaia, nandaia, vamos todos nandaiá. Oh meu pai Santo Antônio venha me ensinar a dançar”, cantam todos os festejantes. Percebe-se melhor a presença sonora do mocho, o instrumento de madeira em forma de tambor coberto de couro que pode ser tocado por duas pessoas por meio de baquetas. A jovem brinca com a figura do boi no meio da roda de tocadores e dançarinos. Ali também está a personagem do toureiro (Romeu Lucialdo) que dança junto da representação do boi com um grande lenço vermelho nas mãos. O toureiro é uma figura lendária que na tradição de Santo Antônio de Leverger acompanha o boi na festa (TEIXEIRA, 2016). O cenário destaca a presença do fogo tanto da fogueira central no meio da roda como das tochas que circundam todos presentes naquele espaço. Outros cantos se sucedem destacando o boi nos versos entoados em estilo muito próprio dos cururueiros da Baixada Cuiabana. Na tradição local, os músicos são “os chamadores do boi” por meio dos versos e toadas.

A musicalidade presente em cena traz os elementos míticos da estória narrada. Aos poucos, a jovem vai sendo envolvida pelos encantos do boi ao som dos batuques do mocho, das palmas e da cantoria. Essa percepção de enfeitiçamento deve-se ao trabalho da montadora/editora do filme, Vera Freire, que acelera o ritmo entre as tomadas na edição das cenas, alternando a batida do mocho, a dança em rodopio da mulher, os festejantes bebendo vinho, os músicos tocando. São elementos que também lembram à arte de Humberto Espíndola: as festas ao deus Baco embaladas por vinho com a figura do boi. O boi sanfoneiro de Espíndola, mostrado sob os créditos na abertura do filme, parece inspirar este momento da encenação. Personagens em delírios, como na “Canção de Brinde” sobre a marcha triunfal ao deus Baco: “da embriaguez se mostram presa, quando bem alto entoam versos delirantes” (Bulfinch apud Longfellow, 1999, p.197).

Antecedendo essa sequência, a jovem percebe no meio da roda um homem atraente (João Marcio Pereira), de camisa vermelha e chapéu panamá. Os olhares se encontram dando a ver o interesse de ambos pela sedução. A presença sobretudo das tochas de fogo ao redor dos festejantes e o tom vermelho do figurino masculino permite a interpretação da ardência do desejo sobre aqueles corpos sedentos de um contato mais íntimo. As tochas junto ao personagem misterioso de traje vermelho também remetem à figura do Boitatá, que na tradição dos contos tem a forma de serpente de fogo. Intuímos que a cena traz referências ainda no filme *Ele, o Boto* (Walter Lima Junior, 1987), no

qual o ator Carlos Alberto Riccelli interpreta a personagem principal que durante a lua cheia deixa sua forma peixe para se transformar em humano e seduzir as mulheres.

Da mesma forma, em *Saringangá*, há a presença dessa metamorfose corpo-homem, corpo-animal. No filme outros elementos simbólicos se mesclam nesse jogo de sedução. A esse respeito é importante voltarmos às pinturas de Humberto Espíndola. No universo do artista plástico o boi aparece em sua ancestralidade mítica. São touros dançarinos, touros músicos sempre rodeados de figuras femininas nuas. Nas obras de Espíndola o boi expressa a relação com o plantio, com a colheita e as festas a Baco. Uma representação que pode estar associada ao bem ou ao mal como “o terno animal dos pastos também será besta satânica” (FIGUEIREDO, 2010).

A obra *Bovinocultura* também é inspirada na figura mitológica do Minotauro. Neste ponto, o filme mergulha nas pinturas de Humberto Espíndola quando a representação do boi na festa investe sobre os festejantes como um animal feroz que tenta chifrar àqueles que lhe estão próximos. Temos, então, a passagem da narrativa de uma dimensão da “realidade da ficção” para um plano mítico e onírico.

Do meio da mata surge a figura do Minotauro (Romeu Lucialdo) enquanto na festa o boi é morto pelo toureiro. Em seguida, essa dimensão entre realidade, sonho e misticismo se mistura na *mise-en-scène*. Sob a lua cheia no céu ouvimos gemidos. A jovem está encurralada na cerca em coito com o homem de traje vermelho e chapéu. Mas sua figura logo se transforma em besta-fera e a moça se depara, então, com a figura do Minotauro. A bestialidade também é sugerida nas pinturas de Humberto Espíndola quando corpos femininos se juntam à figura do boi.

É importante destacar ainda a ideia de um corpo dançante (TEIXEIRA, 2016) que no filme toma forma nos movimentos da personagem principal da jovem. O corpo feminino dança e revela uma inquietude, como se tomada pelo desejo (impulso sexual) estimulada pelo rufar do mocho e pelo consumo de vinho. Como uma ninfa, personagem feminina da mitologia, alvo da luxúria. Mas, se na mitologia grega temos essa representação associada ao culto a Dionísio (Baco), em *Saringangá* o culto é ao boi.

Por fim o significado de *Saringangá*. A palavra aparece nos últimos versos dos festejantes quando o toureiro finalmente alveja o boi com seu punhal. Mas é a figura mitológica do Minotauro que sangra. É quando, então, ouvimos os versos cantados que, aos poucos, vão se tornando mais audíveis para o espectador. Na sequência, em uma

tomada em *zoom*, a câmera vai abrindo o movimento, partindo da fogueira até um plano aberto onde encontra-se a roda de dançarinos e músicos a balançar fitas coloridas: “estirão da bela vista onde meus *olhos* navega eei saringangá, eei saringangá” (FERREIRA, 2020). O canto indica uma expressão da cultura popular para o adeus. Assim, o filme expressa a importância da cultura tradicional e do folclore para a memória do povoado, uma vez que captura elementos culturais dessa expressão popular ao mesmo tempo que faz da experiência sua fantasia. Como cinema, *Saringangá* revela-se como arte que reelabora a expressão cultural de uma região pantaneira.

Referências

BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BORGES, Luiz. **A Pesquisa de Cinema em Mato Grosso**: fontes, referências e acervos – uma experiência. IN: Cadernos de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2010.

CAMPOS, Lairce A. **Culinária Popular em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso**: modos tradicionais de fazer comida. Tese de doutorado. UFMT: Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), 2023.

FERREIRA, Carlos. **Vídeo “Saringangá”**. UFMT: Semidu, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YqCSvegb8JM>

FIGUEIREDO, Aline. **Arte aqui é mato**. Cuiabá: UFMT, 1990.

GUSHIKEN, Yuji & AZEVEDO, Helsio Amiro Motany de Albuquerque. **Música popular e marcadores culturais na cidade contemporânea**: o contexto no município de Cuiabá. Universidade da Beira Interior: Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2019/2020.

LIMA, Diego B. Cine Comentário Sonoro: episódio 25. Saringangá: comentários de Marcio Moreira. Cuiabá: Cineclubes Coxiponés, 2020.

SOUZA, Gabriel L. **Paisagem, Geografia e Cinema**: possibilidades para a retomada de um conceito-chave. GeOPUC – Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 41-56, jul-dez. 2015.

TEIXEIRA, Maisa França. **As representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da festa do boi-à-serra em Santo Antônio de Leverger**. Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2016.